

# Milliet, o nosso principal negociador.

Confirmado não só na presidência do Banco Central como na condição de principal negociador da dívida externa brasileira, Fernando Milliet afirmou ontem que a linha mestra de sua atuação será a busca de um acordo de médio prazo que não comprometa a capacidade de crescimento do País, uma vez que a estagnação econômica não interessa ao Brasil nem aos credores, que somente poderão obter o retorno de seus investimentos se mantido o crescimento.

Milliet confirmou sua viagem, no sábado, para os Estados Unidos, onde retomará as negociações com os bancos credores, visando a um acordo de médio prazo para refinanciamento dos juros de 1987, 88 e 89. Disse que a orientação do ministro Mailson da Nóbrega é de conduzir os planos brasileiros para renegociação da forma mais discreta possível, daí sua recusa em manifestar-se sobre assuntos como a viabilidade de se tentar um acordo semelhante ao do México para securitização da dívida. E admitiu a possibilidade de, como as características de sua função impossibilitam afastamento mais longo do País, ser nomeado um coordenador para as negociações ou mesmo uma comissão de avaliação dos entendimentos.

Conforme informou o próprio ministro Mailson da Nóbrega, Milliet será auxiliado na condução das negociações pelo diretor da Área Externa do BC, Antônio de Pádua Seixas, e pelo conselheiro da embaixada brasileira em Washington e novo secretário de Assuntos Internacionais do Ministério, Sérgio Amaral. Os três se encontrarão neste final de semana em Nova York.

Em sua entrevista coletiva de ontem, Fernando Milliet explicou também porque resolveu permanecer à testa do BC, depois de haver pedido demissão "em caráter irrevogável" na terça-feira. Ele alegou que se prontificara a permanecer no posto até a posse do novo ministro e, quando este foi indicado, entregou o cargo. A demissão foi inicialmente aceita por Nóbrega e revogada depois de um encontro entre este e o presidente Sarney.

## **Securitização é inviável**

O Brasil encerrou 1987 com volume de reservas pouco inferior ao obtido no final do ano anterior (US\$ 4,5 bilhões), resultado que já era esperado desde as primeiras previsões feitas e que inviabilizam a adoção de um programa de securitização da dívida externa semelhante ao do México, pois não haveria divisas para o desembolso inicial, disse o diretor da Área Externa do BC, Carlos Eduardo de Freitas.

Segundo ele, as negociações com os bancos credores deverão prosseguir normalmente no início da próxima semana, uma vez que há uma proposta brasileira formalizada e em estudo pelo comitê dos bancos.